

“Reforma” não, revolução



Há uma grande confusão hoje em dia no que diz respeito à figura de Lutero, e convém deixar claro que, do ponto de vista da teologia dogmática e da doutrina da Igreja, **ele foi responsável, não por uma reforma, mas por uma revolução, isto é, uma mudança total dos fundamentos da fé católica.** Tampouco seria realista afirmar que sua intenção tenha sido apenas a de lutar contra alguns abusos no uso das indulgências ou contra os pecados da Igreja da Renascença. Abusos e pecados, sempre os houve dentro da Igreja, não só durante o Renascimento, mas ainda nos dias de hoje. **Constituímos a Santa Igreja em virtude da graça de Deus e dos sacramentos,** mas todos os homens pertencentes a ela são pecadores, todos precisam de perdão, de arrependimento, de penitência.

Não podemos aceitar que a reforma de Lutero seja

entendida como uma reforma da Igreja, em sentido católico.

Esta distinção é muito importante. Em seu livro de 1520, *De Captivitate Babylonica Ecclesiae*, aparece com absoluta clareza que **Lutero renunciou a todos os princípios da fé católica**, da Sagrada Escritura, da Tradição apostólica, do magistério do Papa e dos Concílios, do episcopado. Nesse sentido, Lutero destruiu o conceito de desenvolvimento homogêneo da doutrina cristã, tal como explicado na Idade Média, e chegou a negar os sacramentos como sinais eficazes da graça neles contida, substituindo essa eficácia objetiva por uma fé subjetiva. **Lutero aboliu cinco sacramentos e, além disso, negou a Eucaristia**: o seu caráter sacrificial e a conversão real da substância do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. E não só isso. Afirmou que o sacramento da ordem, tanto episcopal quanto presbiteral, é uma invenção do Papa – para ele, o Anticristo –, e não parte da Igreja de Jesus Cristo. **Nós, porém, cremos que a hierarquia sacramental, em comunhão com o sucessor de Pedro, é um elemento essencial da Igreja Católica, e não apenas o princípio de uma organização humana.**

É por isso que **não podemos aceitar que a reforma de Lutero seja entendida como uma reforma da Igreja, em sentido católico**. Só é católica a reforma que significa uma renovação na graça e nos costumes da fé de sempre, uma renovação espiritual e moral dos cristãos, e não uma “refundação”, uma “nova” Igreja.

São muitas as vozes que se levantam, entusiasmadas, para falar de Lutero, mas desconhecendo qual foi exatamente a sua teologia.

É, portanto, inaceitável afirmar que a reforma de Lutero tenha sido “um evento do Espírito Santo”. Ao contrário, foi algo contra ele, pois o Espírito Santo auxilia a Igreja a preservar sua continuidade por meio do Magistério eclesial, sobretudo pelo serviço do ministério petrino. **Foi apenas sobre Pedro que Jesus fundou sua Igreja**(cf. *Mt* 16, 18), a qual é “a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (*1Tm*3, 15). **O Espírito Santo não se contradiz a si mesmo.**

São muitas as vozes que se levantam, entusiasmadas, para falar de Lutero, mas desconhecendo qual foi exatamente a sua teologia, a sua polêmica e as drásticas consequências de um movimento que representou a destruição da unidade de milhões de cristãos com relação à Igreja Católica. Podemos avaliar de modo positivo a sua boa vontade, sua explicação lúcida dos mistérios da fé comum, **mas não suas investidas contra a fé católica,** sobretudo no que se refere aos sacramentos e à estrutura hierárquico-apostólica da Igreja.

Também não é correto afirmar que Lutero teve inicialmente boas intenções, como se o responsável por seu desvio tenha sido a postura rígida da Igreja. Isso não é verdade. Com efeito, Lutero pretendia combater, sim, o comércio de indulgências, devido, não às indulgências em si mesmas, mas enquanto elemento do sacramento da Penitência.

Jesus mesmo fundou a sua Igreja e a protege na transmissão da fé e da graça sacramental através do Espírito Santo.

Tampouco é verdade que a Igreja se tenha recusado a dialogar. Depois de sua disputa com John Eck, Lutero teve a chance de falar ao Cardeal Caetano, enviado pelo Papa a título de legado. Podem-se discutir modos e procedimento; mas, **quando se trata da substância mesma da doutrina, é preciso reconhecer que a autoridade da Igreja não cometeu erro algum.** Do contrário, dever-se-ia sustentar que a Igreja pôde ter ensinado erros quanto à fé ao longo de dois mil anos, quando sabemos – e este é um elemento essencial da doutrina – que **a Igreja não pode errar na transmissão da salvação mediante os sacramentos.**



O Cardeal Gerhard Ludwig Müller, Prefeito emérito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Não se devem confundir erros pessoais, os pecados dos membros da Igreja, com erros na doutrina e nos sacramentos. Quem assim pensa, crê que a Igreja é somente uma organização feita de homens e nega o princípio segundo o qual **Jesus mesmo fundou a sua Igreja e a protege na transmissão da fé e da graça sacramental através do Espírito Santo.** A Igreja não é uma organização meramente humana; é o próprio Corpo de Cristo, onde existe a infalibilidade conciliar e papal de um modo precisamente definido. Todos os Concílios se referem à infalibilidade do Magistério quanto à definição da fé católica. Em meio à confusão atual, há muitos que pretendem solapar a realidade: **dizem que o Papa é infalível quando fala em privado, ao mesmo tempo em que dizem ser falíveis os Papas**

que propuseram publicamente a fé católica ao longo da história.

Sim, já se passaram 500 anos. Não é mais tempo de polêmica, mas de entendimento e reconciliação. **Mas não à custa da verdade.** Não se deve agravar a confusão. Ora, se devemos, por um lado, reconhecer a eficácia do Espírito Santo nos cristãos não-católicos de boa vontade, que não cometeram pessoalmente esse pecado de ruptura com a Igreja, não podemos, por outro, alterar a história do que se passou há 500 anos. Uma coisa é o desejo de manter boas relações com os cristãos não-católicos de hoje, a fim de os aproximar da plena comunhão com a hierarquia católica e com a aceitação da Tradição apostólica segundo a doutrina da Igreja; **outra coisa é a incompreensão ou a falsificação do que ocorreu 500 anos atrás e do impacto desastroso que se lhe seguiu.** Impacto, aliás, contrário à vontade de Deus: “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 21).

Fonte: